

Jornal O Diário	Data 30/10/2016	Caderno Maringá	Página A8
--------------------	--------------------	--------------------	--------------

Noites de improvisos & violoncelos russos

Alexandre Gaioto



No melhor fim de semana do ano, cronista regala-se no Maringá Jazz Festival e no Festival Tchaikovsky, ouvindo som puríssimo e bebendo muito vinho

Ninguém permanece imune ao jazz. Quem já ouviu Dizzy Gillespie, Duke Ellington e Louis Armstrong sabe disso. A vida ganha contornos mais líricos e intensos. A labuta, com fones no ouvido, torna-se menos árdua. A velha vitrola passa a ser indispensável. Na tua janela, três pássaros improvisam diálogos com o violão de Django Reinhardt e comprovam que o jazz está à disposição de qualquer um – só não ouve quem não quer. "Oito horas em ponto, hein", diz a moça. "Que bateria lindona!", surpreende-se a outra. "Opa, deixe eu passar aqui, senhor?", indaga o sujeito.

Indispensável para alguns escritores, o jazz é até mais importante, na busca pelo estilo próprio, do que a leitura de outros livros. "Aprendi mais com alguns saxofonistas de jazz, como John Coltrane e Charlie Parker, do que com escritores", revelou o grande António Lobo Antunes. A musicalidade do fraseado, para o autor lusitano, é uma das lições do jazz ao universo literário.

"Qual o número da sua poltrona, amor?" "Onde é o setor B?" "Oba, tá quase começando."

Concordo com Lobo Antunes. E avanço um pouco mais. Alguns críticos dizem que a literatura contemporânea vive maus bocados porque os autores deixam de ler Shakespeare, Aristófanes, Virgílio, para gastar o tempo assistindo séries na internet



Jornal O Diário	Data 30/10/2016	Caderno Maringá	Página A8
--------------------	--------------------	--------------------	--------------

e na Netflix. Sem discordar disso, será que também não estão deixando de ouvir melodias bem elaboradas? Acomodados à previsibilidade de um e outro rock? Pagode? Sertanejo? Daí a previsibilidade de suas próprias narrativas? Provavelmente, sim.

Aos poucos, o Teatro Marista recebe seu público. Essa noite se improvisa. Na quinta edição do Maringá Jazz Festival, dois dias de programação, cada um com duas atrações (uma maringaense e outra de fora), tudo com entrada grátis. Pessoas gentis, educadas, nada afobadas. Moçoilas deslumbrantes que se arrumaram especialmente para o som. Tiozões que emendaram o trabalho. Senhores. Senhoras. Tiazonas. Molecotes de dez anos. Único bebê de colo, que azar!, bem atrás de você – por que, Pai, se tão grande o Teatro?

"Na entrada, não queriam deixar a gente entrar com ele", diz a mãe.

Felizmente, alguém de bom senso.

"Mas explicamos que ele é muito calminho e gosta demais de música. Você vai ver: ele não faz um pio", garante o pai, antes de acrescentar: "Se ele ameaçar o choro, eu levanto correndo e levo ele para fora. Mas isso nunca acontece".

Um sujeito magrelo e careca anuncia a primeira atração. O Marista não está lotado, mas é surpreendente que tantas pessoas gostem de jazz. O maringaense Luciano Veronese assume o piano e apresenta os quatro músicos que o acompanham – todos vindos de Cascavel. Revela temas inspirados, com um lirismo que se aproxima, vez ou outra, de Moacir Santos, mas com identidade própria. Toca João Donato. Toca outras composições de sua lavra. E, milagrosamente, a propaganda ambulante de vasectomia não solta um único pio: ouvidos captando cada nota, olhos grudados no palco: não há idade para engatar um caso de amor com o jazz. Nem nas palmas finais, o bebê não desperta berreiro - será surdo-mudo?

"Venha, venha", comenta o jornalista Marcelo Bulgarelli, estendendo uma fitinha azul. "Coloque no pulso, vamos: vai rolar um vinhozinho."



Jornal O Diário	Data 30/10/2016	Caderno Maringá	Página A8
--------------------	--------------------	--------------------	--------------

Descemos escadas até um salão. Três vinhos chilenos, cerveja geladinha, alguns acepipes, conversas aleatórias sobre o amor, o sorriso e a flor.

"Você tem que ouvir o som dele: é um dos maiores pianistas de jazz que há por aqui", garante um cinquentão magrelo.

"Carreira solo?", questiono, bebericando o vinho doce como mel.

"Sim, sim. Ele era tecladista do padre Fábio de Melo e a mulher era backing vocal. Daí pediu as contas e veio para Maringá. A mulher ficou lá, cantando com o padre."

"Com o padre galã?!"

Gargalhadas de carecas têm topetes firmes de gel.

"Pra você ver", diz o sujeito, regalando-se com um mini-folhado de frango.

Vou bebericando freneticamente, como se estivesse no meio de um improviso de John Coltrane. E dá-lhe vinho. Três, quatro, cinco taças de vinho tinto de sangue. Caramba, quantos porres você não emendaria num Jobim Jazz? Num Bird Bar? Miles Pub? Público, tem. Nome e trilha, também. Só falta um teto para o jazz maringaense, você diz, quem diz?, já emendando outra chilena garrafa. Quer mais um gole? Opa, põe mais aqui, Bulgarelli. Solos recomeçam no palco. Bateria. Baixo. Piano. Jazz ou vinho? Antes do som, outra tacinha – será a nona, décima? De estômago vazio, o vinho te deixa um tanto tonto. Estranho, isso. Você é forte. Aguenta longos porres. O que tem nesse vinho? Não deve só ser álcool. Onde foi mesmo naquela piscina? Já trocando palavras. Não, piscina. Pesquisa, aliás: pesquisa. Lá. Deu onde mesmo? Pode encher, Gaioto? Os americanos, esse povo. Metido à besta. Deixaram tudo o jazz. Meio de lado. Mais interessados. Mais vinho, Gaioto? Deus abençoe os chilenos! Que maravilha. Mas interessados, eles. No rock. Hip-hop. É como disse o. Putz. Como mesmo? Por favor, mais aqui, ó. Homero! Na Odisseia: "vinho doce feito mel". R&B. Country. Música clássica. Feito mel! Até mesmo, canções para crianças. Esse é o último gole da terceira garrafa, pode colocar? Claro, claro, o bis. Mesmo com novos nomes. Tudo. Talentoso. Como



Jornal O Diário	Data 30/10/2016	Caderno Maringá	Página A8
--------------------	--------------------	--------------------	--------------

Snarky Puppy. E Kamasi Washington. O jazz. Norte-americano. Vive um bom. Péssimo. Aliás. Quer dizer. Momento. Terrível. Ter-rí-vel.

"Você gosta de jazz?", pergunta uma loira deslumbrante de olhos translúcidos.

Tão rapidamente embriagado, que azar não recordar um sonetinho à moçoila.

"Jazz a essa hora?", devolvo.

"Jazz a toda hora!"

E me vejo cheio de chilenos na cabeça, conduzido pelas mãos da misteriosa moçoila. Só meia hora mais tarde, lado a lado, com a consciência tomando novamente seu lugar, consigo finalmente identificá-la como sendo minha namorada. Escute o Trio Corrente, de São Paulo: temas de Tom Jobim, Chico Buarque, Dorival Caymmi. Nada é falado, mas tudo é dito.

Na saída do Marista, grupos de amigos extasiados combinam novo encontro para o sábado à noite, com shows de Duofel e do maringaense Thiago Ueda: poucas coisas na vida são tão embriagantes quanto o jazz.

Há noites em Maringá em que nada acontece: as horas rastejam lentas, os risos morrem sem graça, as moscam bocejam eternidades. E há dias na mesma cidade em que simplesmente tudo acontece, de uma só vez, num ritmo intenso e incomum. O desfecho da última semana foi assim. Além do Festival de Jazz, o fim de semana ainda contou com Festival Tchaikovsky, no Teatro Calil Haddad, em pleno domingo. É para lá que vamos agora, emendando esse rally musical. Essa epopeia sonora. O melhor fim de semana do ano?

"Todo fim de semana deveria ser assim", desabafa uma senhora cinquentona, no Calil Haddad.

Tranquilamente, aguarda na fila a distribuição dos convites. Em pé, não demonstra qualquer sinal de cansaço. Serenidade e ansiedade se unem à espera do concerto



Jornal O Diário	Data 30/10/2016	Caderno Maringá	Página A8
--------------------	--------------------	--------------------	--------------

em homenagem ao grande compositor russo. Há algo diferente nos olhos dela. Não parece encarar a fila de ingressos da mesma forma como eu e você olharíamos.

"E não é que você está certo? Estava me lembrando dos grandes festivais em São Paulo. Gente, como eu era louquinha!"

"Você, testemunha ocular das canções de chumbo?"

"Todas elas. Tinha uns quinze anos quando ligava pra rádio, desesperada, e participava dos sorteios de ingressos pra ver Caetano, Gil, Vandrê, Chico e Tom Zé."

"!!!"

"Vi, de perto, Chico e Nara Leão cantando 'A Banda', em 1966, Ouvi Caetano cantar 'Alegria, Alegria' e tomar vaia. Fiz parte daquilo. 'Domingo no Parque'. 'Disparada'. Pensando agora, era até meio perigoso. Porque os militares estavam presentes, exigiam documentos, muitas vezes prendiam estudantes sem qualquer justificativa, e você bem sabe o que faziam com esses jovens coitados. Eu era movida pela paixão à música: o perigo nunca me estremeceu. Minha casa nunca teve TV: sempre uma vitrola cheinha de discos, que ainda guardo com muito carinho."

A fila começa a andar. Dez minutos para começar. Tomara também tenha vinho. Apaixonados pela música vão retirando ingressos e tomando assento no Calil Haddad. No palco, jovens talentosos da Filarmônica Unicesumar executam com vontade o som puríssimo do Tchaikovsky. Infelizmente, nada de goles chilenos. Roberto Tibiriçá, o homem que já regeu Nelson Freire e Antonio Meneses, conduz os violinos e violoncelos responsáveis pelo berreiro de seis crianças – mães vagarosas e ociosas demoram uma existência para retirar os rebentos. Em quase uma hora de concerto chorado, os aplausos não dão conta da grande arte. Que fim de semana. Não faltam mãos para tantas palmas? As cortinas vermelhas se fecham. Crianças desafinam goelas escancaradas. O maestro soberano sai de cena.